



## A DOCTRINA DO ETERNO RETORNO DE NIETZSCHE: UMA INTERLOCUÇÃO COM O REALISMO FANTÁSTICO DE BORGES

Elisa Souza de Oliveira

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)  
[oliveiraelisa@gmail.com](mailto:oliveiraelisa@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo pretende aprofundar a doutrina do eterno retorno presente na filosofia de Nietzsche, de modo articulado com a literatura do argentino Borges. Através dos elementos do realismo fantástico buscamos pontos de contato que nos auxiliem a entender a relação do homem com o tempo e a mediação da vida e da morte como elementos centrais. Dispostos de dois focos de interpretação possíveis da doutrina do eterno retorno e buscaremos aproximá-los das reflexões borgeanas. Podendo ser entendido como nihilismo corrosivo ou como possibilidade de afirmação da vida, o eterno retorno lida com questões existenciais, no sentido da relação que o homem estabelece com sua vivência em um tempo finito e sob as contingências que lhe são próprias. A busca do personagem principal do conto de Borges traz vicissitudes semelhantes em sua peregrinação a uma suposta nova relação com a finitude na cidade dos Imortais. Buscar semelhanças e dissonâncias será nosso objetivo.

**Palavras-chave:** Eterno Retorno. Nietzsche. Filosofia. Literatura.

**Abstract:** The present paper intends to deepen the doctrine of the eternal return present in the philosophy of Nietzsche in a way articulated with the literature of the Argentine Borges. Through the elements of fantastic realism, we seek points of contact that will help us understand the relation of man to time and the mediation of life and death as central elements. We will have two possible foci of interpretation of the doctrine of the eternal return, and we will

try to bring them closer to the borgean reflections. As corrosive nihilism or possibility of life affirmation, the eternal return deals with existential questions, in the sense of the relationship that man establishes with his experience in a finite time and under the contingencies that are his own. The search for the main character of Borges' tale brings similar vicissitudes in his pilgrimage to a supposed new relation with finitude in the city of the Immortals. Seeking similarities and dissonances will be our goal.

**Keywords:** Eternal Return. Nietzsche. Philosophy. Literature.

## Introdução

O pensamento do eterno retorno foi um importante e altamente discutido marco teórico no pensamento de Nietzsche, tanto com relação às múltiplas interpretações quanto as implicações filosóficas a nível cosmológico e suas consequências físicas e matemáticas. Dentro dessa significatividade tão plural, propomos aqui alguns recortes que nos permitam ampliar o pensamento/entendimento da doutrina do eterno retorno em momentos distintos da obra do alemão através do atravessamento das contribuições da literatura de forma a potencializar suas possibilidades de interpretação.

Jorge Luiz Borges, escritor argentino nascido no último ano do século XIX, tem em sua biografia a produção de contos e poemas que já foram denominados surrealistas por misturarem elementos da realidade e da fantasia e o fizeram ganhador de muitos prêmios internacionais de literatura. Dentro desse escopo literário, elegemos o conto borgeano denominado *Os Imortais*, cuja narrativa traz elementos que discutem a inserção do homem no tempo. Buscaremos aproximá-lo do conceito do eterno retorno de Nietzsche e extrair dessa aproximação algumas possíveis articulações.

Embora a obra de Borges não tenha sido escrita com fins acadêmicos, acreditamos que, em consonância com a própria filosofia nietzschiana, é necessário produzir novas perspectivas sobre o pensamento e os temas por ele abordados. Nesse sentido, a pesquisa nietzschiana tem interesse pelo modo como se dão as relações, tendo em vista que nada se dá fora desse escopo relacional. Nesse sentido, cada ponto em que nos debruçamos serve de perspectiva e, quanto mais pudermos nos debruçar para ver a totalidade pelo viés da perspectiva, mais conseguiremos ver com objetividade. É importante ressaltar que essa objetividade nada tem de neutra, mas é entendida como essa pluralidade que abarca todos os elementos que estão em relação conflitiva e dissonante. Como nos diz o próprio Nietzsche na *Genealogia da Moral (GM)*:

Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um 'conhecer perspectivo'; e quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso 'conceito' dela, nossa 'objetividade'. (NIETZSCHE, *GM*, p.101).

Este será o sentido de aproximar alguns fragmentos do conto de Borges com a filosofia do eterno retorno de Nietzsche: permitir a emergência das multiplicidades próprias ao filosofar e ao escrever.

A ideia, portanto, não é fornecer explicações em redes causais utilizando o conto como acessório, mas, dado o caráter abissal do próprio pensamento do eterno retorno, articular literatura e filosofia e potencializar as propostas desse pensador tão importante que é Nietzsche.

## 1 A filosofia do eterno retorno

Ao longo de sua obra, Nietzsche posiciona o problema do eterno retorno em alguns momentos, e de distintas maneiras. Destacaremos duas, para que possamos contrastá-las e, assim, ocupar-nos das distintas perspectivas, sem, no entanto, ter a pretensão de esgotá-las.

Apesar de já ter sido mencionada em obras anteriores, é na *Gaia Ciência (GC)* que Nietzsche expõe de forma explícita uma das ideias mais repetidas pelos estudiosos de sua obra, a de eterno retorno, no parágrafo intitulado “O peso mais pesado”:

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu a vives agora e como a vivestes, terás de vivê-la ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez”. (NIETZSCHE, GC, p. 179).

Estão dispostos nesse trecho dois importantes aspectos da doutrina que merecem destaque: a ideia de repetição e seu caráter circular. Conforme colocado no texto, o movimento próprio e inescapável à vida é se repetir de forma interminável, impossibilitando qualquer possibilidade criativa, estamos fadados a viver de novo e de novo o mesmo momento.

Essa interpretação tem como pressuposto o mundo como uma totalidade constituída por forças de número limitado e que podem se combinar de vários modos, porém com alguma limitação. Assim, em

algum momento, todas as combinações já teriam sido feitas, e o que restaria seria a repetição ou uma espécie de equilíbrio estático. Essa caracterização deixa a doutrina do eterno retorno como algo que inviabiliza a vida e o potencial de criação que lhe é inerente, mas, como veremos a seguir, não é a única caracterização possível.

A doutrina do eterno retorno se estreita com outros importantes conceitos de sua filosofia, como o conceito de força e o de vontade de poder, que não podem deixar de ser mencionados para uma compreensão mais ampla do assunto. O primeiro diz respeito a um princípio de interpretação do real, e a segunda a um “modo de ser de cada força e do arranjo derivado do embate entre uma certa pluralidade de forças”. (CABRAL, 2014, p. 231). Força, portanto, não tem finalidade e age sempre de modo agonístico. Retirando assim a necessidade de criação ou de juízo final, o mundo torna-se, então, vontade de poder, que, por sua vez, é dinâmica agonística das forças.

Nietzsche não entende o mundo de maneira teleológica, isto é, finalista. Nesse sentido, se de fato houvesse fim, ele já teria sido concretizado. O eterno retorno é uma espécie de movimento circular e repetido de acontecimentos idênticos, tanto em relação ao homem como à totalidade do mundo.

Nietzsche afirma que as forças que compõe o mundo são finitas. Posteriormente, o tempo é afirmado como finito. E um tempo infinito, as múltiplas conformações das forças já tem de ser dadas. Isso porque a finitude das combinações das forças do mundo tem que ser realizadas, se o tempo passado é finito, e tem de realizar-se, se o tempo futuro é finito também. Segue-se daí que o mundo move-se circularmente, eternamente retomando suas configurações anteriores. (CABRAL, 2014, p. 230).

Sendo assim, em um mundo regido por forças finitas, porém múltiplas, as possibilidades seriam ou o equilíbrio nirvânico ou a repetição. Dessa forma:

[...] se o mundo pudesse enrijecer, secar, morrer, tornar-se nada, ou se pudesse alcançar um estado de equilíbrio, ou se tivesse em geral algum alvo, [...] esse estado já teria de estar alcançado. Mas não está. (MARTON, 1993, p. 66).

Outra importante passagem com referência ao eterno retorno é na obra *Assim falou Zaratustra* (ZA). Lá, pela boca do profeta Zaratustra, é possível destacar a relação do eterno retorno como destinação de uma vida: “[...] quem tu és e tens de tornar-te: eis que és o mestre do eterno retorno – é essa agora o teu destino!” (NIETZSCHE, ZA, p. 211). Relação que buscaremos trabalhar adiante.

*Assim falou Zaratustra* pode ser situada como uma obra de maturidade, onde é possível perceber temas mais originais de sua filosofia, e “[...] seu objetivo principal, do ponto de vista da forma de expressão, é libertar a palavra da universalidade do conceito, construindo um pensamento filosófico através da palavra poética” (MACHADO, 1997, p. 21). Por essa interpretação, a trajetória trágica do protagonista nos mostra o encontro com seu destino através da afirmação do eterno retorno, caminho esse que faz ele se tornar o que de fato é. Assim, a obra trata de uma narrativa dramática que apresenta as experiências do protagonista sofrendo transformações em seu drama existencial, mostrando por meio dessas crises a sua atividade afirmadora da vida e como se dá a sua conquista de si com intensidade própria e sem oráculos ou poderes divinatórios.

Depois de sua jornada, na terceira parte do livro encontramos esta passagem:

Porque a aquilo, de todas as coisas, que pode caminhar, deverá ainda uma vez percorrer – também esta longa rua que leva para frente! E essa lenta aranha que rasteja ao luar, e o próprio luar, e eu e tu no portal, cochichando um com outro de coisas eternas – não devemos, todos, já ter estado aqui? E voltar a estar e percorrer essa outra que leva para frente, diante de nós, essa longa, temerosa rua – não devemos retornar eternamente? (NIETZSCHE, *ZA*, p. 151).

Nesse trecho podemos perceber como Nietzsche expõe o tempo em sua característica circular repetitiva, como encontrado na *Gaia Ciência*, porém colocados por Zarathustra como um questionamento e não como afirmação. E isso já nos dá indicação de uma importante diferença.

Vale ressaltar que o pensamento do eterno retorno traz a impossibilidade do caráter retificador do tempo futuro, pois se insere no contexto da morte de Deus<sup>1</sup>, isto é, no fim dos correlatos metafísicos que davam sentido à vida. Tendo sido abolida a esperança de uma espécie de futuro salvífico, nada pode corrigir o instante. O pensamento nietzschiano vê no instante uma síntese no passado e do futuro. A questão passa a ser então o posicionamento da vontade humana frente a esse instante: se o nega ou afirma. Podemos destacar uma espécie de imperativo da ética nietzschiana baseada no pensamento do eterno retorno: “viva a vida como se cada instante de sua existência fosse retornar eternamente. Isto é, se, no momento de fazer algo, alguém se

---

1 A morte de Deus aparece pela primeira vez na *GC* (§123) e se refere ao rompimento com a lógica metafísica onde Deus, ou mundo suprassensível, é o princípio ontológico que sustenta toda interpretação da vida. Trata, por consequência, da crítica ao pensamento teológico-cristão e promove a emergência de uma nova configuração que não está assentada nas bases metafísicas. Afirma, portanto, a multiplicidade de elementos em que a vida é entendida como vontade de poder e se encontra em profusão agonística sem assentamento ontológico.

perguntar se quer fazê-lo um número infinito de vezes, isto será para ele o mais sólido centro de gravidade” (MACHADO, 1997, p. 134).

Voltando ao percurso trágico de Zaratustra, a afirmação do eterno retorno diz respeito à afirmação daquilo que é vivido no instante, enquanto é vivido no instante:

[...] afirmando tudo o que ocorre ou a necessidade do acaso como forma de intensificar, de fortalecer a vontade, elevando-a a seu máximo de potência, levando-a a suas últimas consequências como autossuperação. (MACHADO, 1997, p. 134).

A noção de eternidade, portanto, aparece tanto como uma alternativa em relação com o tempo como algo exterior e separado, apartado do âmbito existencial, como uma possibilidade de afirmar a dignidade do tempo em sua plenitude, estabelecendo uma nova relação entre o mundo e o homem.

Ao final da jornada, Zaratustra é considerado mestre do eterno retorno, tornando-se quem deveria ser, deixando explícito o caráter de autoconstrução e não de autodescobrimento, de querer não um tipo de vida específico, mas da vida como ela é, ou seja, na terminologia nietzschiana, vida como afirmação, como *amor fati*<sup>2</sup>.

## 2 O conto de Borges

Borges faz parte do realismo fantástico latino-americano e busca escrever a partir da possibilidade de induzir o leitor à sensação de uma

---

2 Esse conceito de inspiração estoica se refere à integralização dos elementos vitais de forma a serem assimilados e não evitados ou negados. Isto é, não pretender melhorias ou adições, mas a aceitação do que é próprio à vida, de forma a fortalecer o espírito.



irrealidade da realidade, provocando uma tensão entre ambos em sua escrita. Em seu famoso conto *Os Imortais*, publicado em 1949, Borges aborda temas como a imortalidade, tempo e a linguagem. Nele encontramos a saga de um general em busca de um lugar onde supostamente poderia fazer imortal quem lá chegasse.

Inicia-se pela narrativa da história do militar do império Romano Marco Flamínio Rufo, que busca o rio das águas que dão a imortalidade e a cidade dos imortais. Tudo começa no ano de 1929, em Londres, com o oferecimento da obra *Ilíada* a uma princesa que encontra o manuscrito com o relato da peregrinação do militar romano. Essa apresentação já nos situa na atmosfera borgena onde experiências plausíveis são transformadas em coisas incomuns e em contextos inusitados que levam o leitor ao embaraço entre ficção e realidade.

Em sua saga, Rufo é abandonado e sua tropa militar e passa a vagar sozinho pelo deserto, apenas acompanhado de criaturas que não falam e que ele denomina de "trogloditas". Quando finalmente se depara com a cidade, ela é absurda, e ele sofre grande impacto quando de fato bebe a água. Quando sai, depara-se com um desses trogloditas, como que aguardando seu retorno, que nomeia como Argos e, para sua surpresa, revela-se como sendo o próprio Homero e que habitara por anos a cidade dos imortais, antes de sua derrocada.

A descrição dos personagens chamados trogloditas no revela uma interpretação um tanto diferente da glamurizada figura heróica da maioria dos personagens ocidentais associados à imortalidade, quase como vitoriosos diante da morte. Os habitantes da cidade dos Imortais são descritos como quase imóveis, vivendo na esfera do pensamento e sem compromisso com a atividade prática, sendo o corpo quase um acessório descartável.

O brilhantismo do conto está justamente no fato de falar da morte através de seu duplo: a figura do imortal, o sempre vivo, o que não perece e, por isso mesmo, sofre. O que cabe ressaltar é o fato de Borges

relatar de modo tão especial o dilema de se viver na imortalidade como uma constante, sendo a mortalidade a dimensão fundamental de possibilidade da diferença, indicando que há algo de mortífero na monotonia do infinito tempo repetido: “Ninguém é alguém, um único homem imortal é todos os homens” (BORGES, 2008, p. 20). As possibilidades são todas, todos os atos são indiferentes, em sua condição imortal. A dimensão de singularidade é apagada no mundo da imortalidade, tudo é repetição. “Ser imortal é insignificante; exceto homem, todas as criaturas o são, pois ignoram a morte; o divino, o terrível, o incompreensível é se saber imortal” (BORGES, 2008, p. 19).

A relação da morte com o tempo é um antigo alvo de discussão no campo da filosofia, ressaltada a dificuldade em defini-la. À nossa tradição foi legada uma experiência do tempo que faz do presente uma sucessão de “agoras” e da vida uma eterna luta contra uma experiência do campo da perda, onde cada minuto é menos vida, e o passado é um eterno ponto imutável na nossa história linear. Muito comum nesse sentido é a diferenciação feita com relação à experiência temporal nos animais, pois,

[...] os animais não sentem sequer a morte: eles só poderiam conhecê-la quando ela se apresenta; mas então, eles já deixaram de ser. Desse modo, a vida dos animais é um prolongado presente. Sem reflexão, eles vivem nele e sempre sucumbem inteiramente [...] O animal só conhece a morte na morte: o homem, com sua consciência, a cada hora se aproxima mais de sua morte, e isso torna a vida por vezes mais árdua até para aquele que ainda não reconheceu no todo da vida mesma esse caráter de permanente de destruição. Principalmente por isso o homem tem filosofia e religião. (SCHOPENHAUER, 1986, p. 87).

A vida imortal, fora do perecimento e do desaparecimento, traz possibilidades infinitas de experiências de se encarnar no mundo. De certa maneira, produz um tempo que é um eterno presente e extingue toda urgência. Estão presentes aí os elementos característicos de um tempo que não cessa de repetir e não permite brechas que façam o novo aparecer.

Quando o personagem encontra com o imortal e esse se revela Homero, revela também a banalidade de tornar-se imortal, sendo ao mesmo tempo Deus e herói em uma maneira dispendiosa de não ser, ou melhor, dizer o que não se é. Preso na servidão da imortalidade, Homero busca justamente o rio que apaga esse efeito, e sua existência se justifica pela ideia de um dia encontrá-lo, concluindo o seguinte:

A morte (ou sua alusão) torna preciosos e patéticos os homens. Estes comovem por sua condição de fantasmas; cada ato que executam pode ser o último; não há rosto que não esteja por dissipar como o rosto de um sonho. Tudo, entre os mortais, tem valor do irrecuperável e do casual. Entre os imortais, por sua vez, cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam, sem princípio visível ou fiel presságio de outros que no futuro o repetirão até a vertigem. Não há coisa que não esteja como que perdida entre incansáveis espelhos. Nada pode acontecer uma única vez, nada é preciosamente precário. O elegíaco, o grave, o cerimonioso não conta para os Imortais. (BORGES, 2008, p. 21).

A forma de descrição da cidade dos Imortais onde as invenções humanas carecem de sentido e significado como, por exemplo, as portas em tamanho diminuto ou as janelas fora do alcance ou ainda escadas invertidas, nos mostram que a existência orientada pelo eixo temporal

da imortalidade faz o mundo se tornar caótico e inútil. O horizonte em que o homem se move, cria e existe está absolutamente marcada pelo caráter finito próprio da vida e dos projetos humanos.

### **3 Discussão: Borges e Nietzsche**

Podemos destacar dois eixos hermenêuticos do eterno retorno que podem ser apontados na obra de Nietzsche e que introduzimos no início do texto: o do niilismo hiperbólico do demônio do aforismo da *Gaia ciência* e um outro eixo de sentido no *Zaratustra*. No primeiro caso, o eterno retorno impede a criatividade da existência e torna tudo absurdo na medida em que coloca uma repetição contínua de configurações sempre dadas:

A existência passa a ser destituída de sentido e toda permanência e toda segurança se esvaem. Sem fundo, toda estabilidade existencial cai, dissolve-se constantemente. Por isso, nada faz sentido e o absurdo. (CABRAL, 2014, p. 254).

Outra passagem sintetiza e ilustra esse mesmo sentido corrosivo do eterno retorno:

Finito, mas eterno: é o quanto basta para formular a doutrina do eterno retorno. Todos os dados são conhecidos: finitas são as forças, finito é o número de combinações entre elas, mas o mundo é eterno. Daí se segue que tudo já existiu e tudo tornará a existir. Se o número dos estados por que passa o mundo é finito e se o tempo é infinito, todos os estados que hão de ocorrer

no futuro já ocorreram no passado. (NIETZSCHE *apud* MARTON, 1993 p. 66).

Por outro lado, na obra *Assim falou Zaratustra*, os elementos presentes aí parecem colocar o eterno retorno em um “horizonte de realização e de plenitude”. Essa caracterização é devedora de uma configuração vital<sup>3</sup> específica que não tem sua base em substratos metafísicos, como no céu do mundo cristão, e precisa continuamente ser afirmada. Assim, o personagem Zaratustra, ao experimentar o deslocamento do eixo do mundo, permite a reconquista dele fora da transcendência metafísica tradicional, reapropriando seu caráter infundamentado e abissal (do mundo), tornando-se o mestre do eterno retorno.

Esses dois eixos interpretativos da doutrina do eterno retorno servirão de base para nossa proposta de leitura e podem nos auxiliar a fazer a correlação da teoria nietzschiana e o conto do argentino.

Os personagens denominados “trogloditas” parecem não fazer parte do tempo cronológico. São descritos como animais que vivem em penúria, nus, alimentando-se de serpentes e riscando o chão, estão suspensas as categorias de sentido tal como nos são dadas. Parece a descrição de um mundo que experimentou o eterno retorno e, por isso, tem uma significatividade própria.

A precariedade descrita no conto por aqueles que experimentam o eterno retorno nos choca porque carregamos o ideal romântico progressista de um super-herói que superou ou derrotou a mortalidade, pois partimos da ideia de tempo como perda, como acusação de um desfazimento que a todo tempo nos assombra, ou seja, como inimigo.

---

3 Aqui a vida é pensada como o vetor que emerge das relações de força denominadas por Nietzsche de “vontade de poder”, que se relacionam de forma agonística. O que vale é destacar o caráter sempre perspectivo e relacional dos elementos constituintes da vida.

O enquadre de Borges sobre os imortais nos mostra que o eterno retorno nos desnuda das vestes (metafísicas) às quais estão estamos presos, as vestes que Nietzsche faz questão de denunciar ao longo de grande parte de sua obra: “É urgente, pois, suprimir o além e voltar-se para a terra; é premente entender que eterna é esta vida tal como a vivemos aqui e agora.” (MARTON, 1992, p. 208).

A caracterização do tempo é o que parece aproximar mais esses habitantes da cidade dos imortais com um outro tipo de experiência de tempo que propõe Nietzsche. Em ambos, o acento é no repetitivo, na afirmação do eterno retorno do *mesmo*, isto é, o instante que vivemos agora já se deu e poderá se dar novamente em um número incontável de vezes, da mesma maneira como se deu agora, daí o caráter de mesmidade e da implicação ética que isso nos coloca.

“Nada é precário” – esse é o pensamento do instante integralizador de passado e futuro que traz em seu bojo o pensamento nietzschiano de mundo como totalidade em constante agonística conflitiva, que se destrói e se constrói e não se acha mais submetida a uma condição de subalternidade a um poder transcendente. É o mundo após a famosa morte de Deus, entendida como a degradação dos sustentos metafísicos que alicerçavam o mundo. O conceito do eterno retorno recoloca para a questão do tempo outros critérios e inocula nele a eternidade.

O caráter animalesco nos lembra que o tempo, pensado como instante que integra passado e presente, faz com que o caráter de evolução e progresso se dissolvam. Ou seja, não há meta a ser atingida, não há céu como recompensa, não há vida a ser corrigida, não há imortalidade a ser conquistada. Por isso, é necessário o caráter afirmador da vida que é essa e não outra. Não há promessa, é necessário amar o destino.

Com o eterno retorno, Nietzsche desautoriza as filosofias que supõe uma teleologia objetiva governando a

existência, desabona as teorias científicas que presumem um estado final para o mundo, desacredita as religiões que acenam com futuras recompensas e punições. Recusa a metafísica e o mundo suprassensível, rejeita o mecanicismo e a entropia, repele o cristianismo e a vida depois da morte. (MARTON, 1992, p. 218).

Por isso, os chamados “trogloditas” prescindem de coisas como as vestes e se comportam de maneira diferente. Entendendo-os como mestres do eterno retorno, tal como Zaratustra, desloca-se o sujeito como algo que subjaz a um objeto para tornar-se parte do mundo. Contraponto à máxima de Protágoras, Nietzsche coloca o mundo como medida do homem, uma vez que o homem partilha do destino de todas as coisas, retirando a passividade que lhe era característica.

Parece-nos que, ao beber a água, o personagem do general também experimenta o eterno retorno, e isso é assaz transtornante, tal como para Zaratustra, que experimenta algo quase como uma morte antes de se apropriar de modo singular desse evento e transmutar-se assim no mestre do eterno retorno.

Ambos, tanto o personagem militar como o mestre do eterno retorno, Zaratustra, precisam de uma jornada trágica para encararem a questão de um drama existencial que reconfigura a questão do tempo e ressignifica a existência de ambos.

No entanto, há uma experiência de plenificação de Zaratustra após se tornar mestre do eterno retorno que não aparece no relato do general. Há uma espécie de maldição pela conquista da imortalidade que causa o apagamento de algo próprio ao humano no conto *Os Imortais*. No personagem de Zaratustra, o eterno retorno não se coaduna com a condição imortal, mas tem relação com um processo de conquista de si e de outra relação com sua vida e condição humana, que prescinde da possibilidade de viver eternamente.

## **Conclusão**

Tendo os dois vieses da possibilidade de interpretação do eterno retorno, parece que podemos fazer aproximações mais estreitas. A caracterização do eterno retorno como impeditiva de criatividade, de um tempo que se repete incessantemente sempre do mesmo modo parece ser encarnada nas personagens do conto de Borges.

Os trogloditas degradados são os que vivem a vida da pura repetição, nesse sentido do eterno retorno como corrosivo, de viés niilista.

No entanto, é importante ressaltar que esse não é o único sentido do eterno retorno na produção de Nietzsche. O sentido do eterno retorno como integralizador do instante nos permite um reposicionamento com o tempo como aparece no Zarathustra. Através de sua filosofia, é possível recolocar o problema do passado, que não é partícípio passado e não está assentado em um tempo que nunca voltará e em um futuro ao qual nunca chegaremos.

O instante é o modo integralizador que sintetiza o tempo e nos permite ser a cada vez o passado e o presente que somos, sem necessidade de cisão ou de compartimentalização.

Essa tradição, que nos legou a experiência do tempo dessa forma esquematizada, parte de um pressuposto do qual Nietzsche busca se desvincular, qual seja, o da unidade assegurada em esteios metafísicos que compartimentam a vida e trazem a experiência do tempo como puramente cronológica e o presente como uma sucessão de “agoras”.

A partir das contribuições de Nietzsche, podemos ter uma nova compreensão do tempo que não divorcia presente e passado, mas que afirma seu passado, que deixa de ser partícípio passado, isto é, um passado que acusa a todo tempo que não se pode mudar (que conjugamos como “sido”), e torna-se gerúndio, isto é, ele continua sendo, atualizando-se em sua integralidade.



O eterno retorno que se dá no instante nos mostra que tudo que poderá ser e o “sido” se cruzam no instante de forma articulada, o que me permite ser a todo instante a totalidade de elementos que me constituem. Essa caracterização é uma espécie de remédio para a doença niilista que me aprisiona na pura esfera da repetição, como os imortais de Borges parecem estar.

Nietzsche parece deixar-nos com a tarefa de repensar a relação com o tempo sem precisar buscar o rio que traz a mortalidade, mas abraçando a tarefa de existir em uma vida que é cada vez, e de forma integral, seu passado.

## Referências

BORGES, Jorge Luiz. **O Aleph**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2008.

CABRAL, Alexandre Marques. **Niilismo e Hierofania: uma abordagem a partir do confronto entre Nietzsche e Heidegger**. Rio de Janeiro: MauadX/FAPERJ, 2014, volume I.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, a tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético? *In*: NOVAES, Adauto (org.): **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.